

J. PINTO PEIXOTO ▪ F. R. DIAS AGUDO ▪ J. TIAGO DE OLIVEIRA ▪ J. CAMPOS FERREIRA
MARGARITA RAMALHO ▪ A. RIBEIRO GOMES ▪ ARMANDO POLICARPO ▪ F. DUARTE SANTOS
J. GOMES FERREIRA ▪ L. A. MENDES VICTOR ▪ MANUEL LARANJEIRA ▪ M. GOMES GUERREIRO
J. CÂNDIDO DE OLIVEIRA ▪ ROBALO CORDEIRO ▪ J. CELESTINO DA COSTA ▪ A. CASTRO CALDAS
BARAHONA FERNANDES ▪ ARANTES E OLIVEIRA ▪ A. F. CARVALHO QUINTELA ▪ A. BARBOSA
DE ABREU ▪ GOUVÊA PORTELA ▪ L. BRAGA CAMPOS ▪ J. J. DELGADO DOMINGOS ▪ A. F.
OLIVEIRA FALCÃO ▪ DOMINGOS MOURA ▪ H. CAMPOS NETO ▪ A. LARCHER BRINCA ▪ J. F.
QUINTINO ROGADO ▪ M. AMARAL FORTES ▪ M. BAPTISTA BRAZ ▪ M. PEREIRA COUTINHO
FERNANDO ESTÁCIO ▪ P. O. PEREIRA SANTOS ▪ A. A. MONTEIRO ALVES ▪ BRITALDO RODRI-
GUES ▪ L. AIRES DE BARROS ▪ MATOS ALVES ▪ M. PORTUGAL FERREIRA ▪ ANTÓNIO RIBEIRO
FRANCISCO GONÇALVES ▪ TELLES ANTUNES ▪ LUÍS ARCHER ▪ J. MONTEZUMA DE CARVALHO
J. FIRMINO MESQUITA ▪ ABÍLIO FERNANDES ▪ J. MALATO-BELIZ ▪ ARSÉNIO PATO DE
CARVALHO ▪ A. XAVIER DA CUNHA ▪ ALLEN DEBUS ▪ J. SIMÕES REDINHA ▪ SEBASTIÃO
J. FORMOSINHO ▪ A. M. A. ROCHA GONSALVES ▪ L. ALMEIDA ALVES ▪ OLIVEIRA CABRAL
FRAÚSTO DA SILVA ▪ JOSÉ V. PINA MARTINS ▪ AMÉRICO COSTA RAMALHO ▪ FERNANDO
REBELO ▪ C. ALBERTO MEDEIROS ▪ ILÍDIO DO AMARAL ▪ MANUEL GARRIDO ARAÚJO
MANUEL VIEGAS GUERREIRO ▪ A. SIMÕES LOPES ▪ A. SOUSA FRANCO ▪ ONÉSIMO T. ALMEIDA
JUSTINO MENDES DE ALMEIDA ▪ FRANCISCO GAMA CAEIRO ▪ RÓMULO DE CARVALHO

HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA EM PORTUGAL NO SÉC. XX

III VOLUME



PUBLICAÇÕES DO II CENTENÁRIO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA
LISBOA • 1992

Ribeiro publicou *La zone intertropicale humide*, Paris, 1973, onde foram utilizados muitos exemplos extraídos de estudos portugueses e, naturalmente, da sua própria experiência. A outra geógrafa francesa se devem também notáveis trabalhos sobre climatologia, de que sublinhamos «Étude de la convection au-dessus de l'Atlantique tropical au large de l'Afrique occidentale» (1983), e «La crise actuelle dans l'archipel du Cap Vert. Quelques aspects du problème dans l'île de Santiago» (1987). Há cerca de um mês da realização deste Colóquio defendeu, na Universidade de Paris-Sorbonne, Paris IV, a sua monumental tese de doutoramento de Estado, *Le Climat de l'Atlantique Oriental des Açores aux Îles du Cap Vert. Contribution à l'étude du système océan-atmosphère*, em três volumes com um total de 1.657 páginas dactilografadas e polycopiadas, profusamente ilustrada; obteve a classificação mais elevada.

*

Poderíamos acrescentar muito mais sobre o tema proposto para o Colóquio. Contudo, tivemos de respeitar as limitações de tempo e espaço, e a economia de palavras na elaboração desta contribuição. Cremos que apontamos os aspectos mais importantes. Para terminar, transcrevemos a opinião insuspeita de Paul Claval, em *Géographie humaine et économique contemporaine*, Paris, 1984, quando em pp. 361 e 363 escreveu, a propósito de *La zone intertropicale humide*, de O. Ribeiro e S. Daveau, o seguinte: «il fallait une perspective plus historique pour saisir, au-delà des pesées de l'univers climatique, ce que le monde tropical devait à l'histoire et à sa disposition générale sur la carte. Orlando Ribeiro a eu la chance, à travers l'analyse patiente que lui et ses élèves ont conduite des terres tropicales encore portugaises ou de civilisation lusitanienne, de saisir ce qu'était le globe avant les grandes découvertes, et ce qu'il est devenu ensuite». E, mais adiante, em homenagem expressa ao grande Mestre da Geografia portuguesa, a afirmação de que «les idées d'Orlando Ribeiro sont fort utiles pour comprendre les difficultés du économique dans le Tiers Monde: le déterminisme climatique n'est pas seul en cause; la distance qui existe entre les valeurs occidentales et celles qui sont acceptés ailleurs est telle que l'assimilation ne peut se faire aisément».

A INVESTIGAÇÃO GEOGRÁFICA EM MOÇAMBIQUE ENTRE 1900 E 1975

MANUEL ARAÚJO *

Quando me foi sugerido escrever algo sobre estudos geográficos ou de índole geográfica levados a cabo em Moçambique por pesquisadores portugueses para apresentar em tão Magna Assembleia, dois sentimentos se apoderaram de mim: por um lado, satisfação pelo convite e por ter oportunidade de me encontrar com ilustres colegas para debater ideias e preocupações; por outro, receio em não conseguir produzir algo que estivesse à altura de tal evento.

Estes dois sentimentos mantêm-se, consciente da importância deste encontro e das limitações que tive de enfrentar.

Estou ciente que o levantamento que levei a cabo não consegue abranger tudo o que foi escrito, no âmbito da ciência geográfica e afins, por autores portugueses sobre Moçambique durante o decurso dos três quartéis deste século. Muito mais haveria a referir, o que me levou a criar, no Departamento de Geografia da Universidade Eduardo Mondlane, um grupo que, numa forma mais sistemática e coordenada, iniciou um trabalho de pesquisa bibliográfica sobre Moçambique no âmbito geográfico ou com ele relacionado.

1. Metodologia

Logo à partida fui confrontado com a seguinte questão: ser-me-ia possível encontrar em Moçambique tudo o que foi escrito sobre a sua Geografia desde os primórdios deste século? Não estaria em Portugal

* Departamento de Geografia da Universidade Eduardo Mondlane.

uma parte considerável desta bibliografia? E sendo assim, deveria limitar-me ao que existe em Moçambique ou alargar a pesquisa a Portugal?

Para procurar a saída possível inicie um levantamento do que existe no Arquivo Histórico de Moçambique, o qual tem desenvolvido um excelente trabalho de recuperação bibliográfica referente a Moçambique, em colaboração com diversas instituições portuguesas, entre as quais a Biblioteca Nacional de Lisboa, a Torre do Tombo e os Arquivos da antiga Junta de Investigação do Ultramar. Durante esta fase da minha pesquisa constatei que muito material já havia sido recuperado e existia sob a forma de microfichas.

Assim, decidi-me por centrar a minha atenção exclusivamente em Moçambique com trabalho de pesquisa no Arquivo Histórico de Moçambique, Biblioteca Nacional, Bibliotecas da Universidade Eduardo Mondlane, e Arquivos dos Ministérios da Agricultura e dos Recursos Minerais.

Isto levou-me à organização dum ficheiro razoavelmente extenso, mas onde os trabalhos que ousou classificar como «geográficos» ou produzidos por geógrafos estão em número bastante reduzido.

Perante este facto decidi incluir nesta comunicação trabalhos que, dedicados a outras áreas científicas, incluem aspectos geográficos relevantes ou abordam temas que me parecem importantes para o conhecimento geográfico de Moçambique.

A escolha das obras comentadas obedece à minha opinião da importância que elas apresentam para o desenvolvimento da Geografia em Moçambique no período 1900-1975. Os comentários não pretendem ser exaustivos mas, na maior parte das vezes limitam-se a breves considerações gerais sem qualquer intenção crítica.

São referidos alguns títulos publicados após 1975; consideramos justo fazê-lo quer pela importância e qualidade dos trabalhos, quer pelo facto de a investigação que lhes deu origem ter sido feita antes de 1975.

2. Breves considerações

sobre o desenvolvimento da Geografia em Moçambique

A Ciência Geográfica em Moçambique deve considerar-se numa fase embrionária, que procura dar os primeiros passos na busca dum caminho que permita o seu melhor desenvolvimento. Esta situação, que é resultante de factores diversos que não cabe aqui analisar, resulta num fraco conhecimento da realidade geográfica do território no seu todo nacional ou dos seus espaços componentes. A Geografia de Moçambique está por

fazer. Nas escolas primárias e secundárias continua-se a dar a conhecer o país com base em trabalhos realizados na década de 60 (Oliveira Boleo) e em 1975/76 (Manuel Araújo, MINED), e que já não retratam a situação presente, muito particularmente na área da Geografia Humana.

Entre 1900 e 1975 os estudos geográficos sobre Moçambique, melhor dizendo, a sua ausência quase total, parece-nos reflectir de algum modo o que se passava em Portugal nesta área científica, com a agravante de não existir nenhuma instituição local que se dedicasse a pesquisa geográfica. Os Institutos de Investigação e a própria Junta de Investigação do Ultramar preocupavam-se mais com estudos virados para a produção que servisse a exportação; nesses estudos, por vezes, incluía-se uma breve descrição geográfica, de acordo com a vontade do autor.

O pouco que se produziu no âmbito do conhecimento geográfico de Moçambique durante aqueles 75 anos deve-se mais ao querer e vontade individual de alguns investigadores (Oliveira Boleo, Raquel S. Brito) do que a uma política claramente definida.

Com a criação dos Estudos Gerais Universitários de Moçambique que, mais tarde, deram origem à Universidade de Lourenço Marques e actualmente Universidade Eduardo Mondlane, criaram-se novas condições para a pesquisa.

É assim que em finais da década de 60 e nos primeiros anos da de 70 surgem estudos levados a cabo por Maria Eugénia Moreira Lopes, Celeste Coelho e Clara Mendes, geógrafas em serviço na Universidade de Lourenço Marques. Foram estas que lançaram as sementes para que se iniciasse um estudo mais sistemático sobre a Geografia de Moçambique, que agora começa a dar os primeiros frutos através de trabalhos duma jovem geração de geógrafos moçambicanos. A estas três geógrafas portuguesas, minhas professoras e colegas, quero aqui expressar o reconhecimento dos geógrafos moçambicanos, pois o seu nome ficará sempre ligado à criação duma escola de geografia em Moçambique.

3. Títulos comentados

ALMEIDA, Armando Antunes de. *Monografia agrícola de Massinga*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1959. (Memórias, 10, 2.ª série).

Nos capítulos 3, 4 e 5, o autor analisa de forma bastante clara as condições climáticas da região e faz um estudo cuidado dos solos e da

vegetação. O capítulo 6 trata da agricultura tradicional e não tradicional e das suas diferentes culturas. Finalmente no capítulo 9 é estudada a aptidão agrícola da região de Massinga.

O autor consegue dar uma ideia muito clara das potencialidades agrícolas do actual distrito da Massinga, estabelecendo uma relação íntima entre aquilo que classifica como agricultura tradicional e não tradicional.

AMARAL, Ilídio do. «Beira, cidade e porto do Índico». *Finis-terra*, IV (7), Lisboa, 1969, pp. 76-93.

Este estudo de Ilídio do Amaral talvez constitua o primeiro trabalho de Geografia Urbana sobre uma cidade moçambicana, e neste caso, da Beira.

Ao longo de 18 páginas, o autor, com a clareza e o rigor científico e metodológico que o caracteriza, faz uma abordagem da problemática urbana da cidade da Beira e do seu porto.

Desde a instalação da guarnição militar na Ponte do Chiveve em 1887 (19 de Agosto), logo baptizada com o actual nome em homenagem ao príncipe português D. Luís Filipe, até finais da década de 60, o artigo, dentro dos condicionalismos de espaço naturais numa revista, consegue transmitir uma imagem do crescimento e desenvolvimento da segunda maior cidade moçambicana e do seu importante porto.

O autor, quando aborda o crescimento da população, faz ressaltar as diversas comunidades que habitavam a cidade, vivendo lado a lado, mas onde a segregação era nítida, reflectindo-se até nos próprios cemitérios.

São feitas diversas reflexões sobre o sítio de implantação da cidade, «sobre terrenos aluviais de fraca consistência, rodeada de pântanos» e os problemas que isso acarretou ao seu desenvolvimento.

A relação cidade-porto está sempre evidente em todas as fases de desenvolvimento da cidade.

O artigo é acompanhado por excelentes fotografias que dão uma imagem interessante da cidade e porto.

ANDRADE, Carlos Freire de. *Esboço geológico da província de Moçambique*. Lisboa, Ministério das Colónias, 1929.

Obra que, apesar da idade, não perde o extraordinário valor que sempre teve. Ainda agora continua a ser consultada para os estudos geológicos em curso.

O autor consegue levar o leitor a conhecer a riqueza geológica de Moçambique sem cansar. Apresenta uma descrição detalhada de muitas regiões, e em particular da bacia do Zambeze, onde já refere as condições excepcionais da garganta de Cahora Bassa para a edificação duma barragem.

Este trabalho tem grande interesse para a Geografia pois faz descrições geográficas bastante completas de várias regiões do país.

BETTENCOURT, José Tristão de. *Relatório do Governador Geral de Moçambique*. Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1945, 2 vols.

Governador Geral da Colónia de Moçambique, José Bettencourt, neste relatório, aborda aspectos deveras importantes para a Geografia Económica de Moçambique. Após referir a predominância da actividade agrícola nas exportações de Moçambique (94% do valor total exportado), faz uma análise dos dois sectores designados por agricultura «indígena» e agricultura «organizada», descrevendo as suas respectivas características.

O autor precisa que a agricultura «indígena» está orientada para a auto-subsistência alimentar e para a satisfação da totalidade das necessidades internas. A agricultura «organizada» orienta a sua produção para o mercado de exportação e a indústria (açúcar, chá, sisal, etc.). A agricultura «indígena» produz igualmente a quase totalidade do algodão de exportação, o amendoim, o cajú e o gergelim. Neste sector o autor faz notar o seu carácter de agricultura itinerante, o que provoca a destruição progressiva da floresta, preocupação bem expressa no relatório, e a não utilização de qualquer tipo de fertilização, quer animal quer química, aspectos que ainda hoje caracterizam a maior parte da agricultura familiar do país.

Segundo José Bettencourt, a população agrícola é mais estável nas regiões mais férteis onde as culturas passam a permanentes.

O autor faz referência, embora não explícita, às culturas forçadas de certos produtos, ao referir que a produção não alimentar é recusada pelos camponeses moçambicanos, sendo necessária a actuação das autoridades portuguesas para obrigar a aumentar a superfície dedicada aos produtos de exportação. Faz notar ainda que a assistência técnica aos naturais data apenas de 1927, altura em que o Estado interveio na agricultura «indígena» (mais uma referência implícita à introdução das culturas forçadas).

Com a concessão de terras às plantações de algodão e com o estabelecimento das Juntas de Exportação, o valor da produção agrícola aumentou muito. Ao referir este aspecto, o autor manifesta uma preocupação evidente no domínio da conservação do meio, quando diz que este crescimento da produção tem como consequência um certo impacto sobre o meio natural: destruição progressiva da floresta, degradação do solo, erosão. Como resultado, faz notar, a produção passa a ser insuficiente para as necessidades alimentares do país, e as importações começam a ultrapassar as exportações.

O relatório define como agricultura «organizada» a que é praticada pelos não naturais e com áreas superiores a um hectare. Neste sector indica-se, para 1940, a existência de 930 agricultores em toda a colónia; 1.300.000 hectares cultivados, dos quais 72% ocupados pela cana sacarina, pelo sisal, o chá e bananeiras; 82% das terras cultivadas são ocupadas por culturas permanentes destinadas à exportação.

No sector «indígena», o trabalho agrícola é pouco valorizado e é feito, principalmente, pelas mulheres, com excepção de algumas tarefas mais duras, como o abate de árvores. Este aspecto referido por José Bettencourt é tradicional e ainda hoje, com maior ou menor intensidade, se mantém na agricultura familiar. A falta de mão-de-obra agrícola é atribuída, pelo autor, a outras causas: o recrutamento para as minas da África do Sul e da Rodésia. O camponês moçambicano é igualmente atraído pelas possibilidades de trabalho, por vezes ilusórias, nas grandes propriedades agrícolas e nos meios urbanos, seja no país, seja no estrangeiro.

BOLEO, Oliveira. *Geografia física de Moçambique* (esboço geográfico). Lisboa, Oficinas próprias do Jornal de Sintra, 1950.

—. *Moçambique*. Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1951 (Monografias dos territórios do Ultramar).

—. *Pequena monografia*. Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1961.

Não é minha intenção tecer grandes comentários a estes três trabalhos de Oliveira Boleo, pois eles são sobejamente conhecidos entre os geógrafos moçambicanos e portugueses.

Não posso deixar de referir, no entanto, a importância que estes três títulos tiveram para o conhecimento de Moçambique, muito embora

se possam criticar algumas das abordagens feitas no âmbito da Geografia Humana. Mas mesmo essas críticas, feitas noutra contexto histórico-político, não conseguem tirar o valor da obra realizada por este geógrafo em Moçambique. As descrições físico-geográficas, biogeográficas e antropogeográficas contidas ainda agora são úteis e actuais, e têm servido de base para trabalhos mais recentes nesta área.

Não errarei muito se disser que Oliveira Boleo escreveu a primeira Geografia de Moçambique em forma de monografia.

BRAZ, Moura. *Moçambique*. Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1950.

Não tendo como objectivo principal a descrição geográfica, esta obra contém uma apresentação da geografia, da meteorologia e do clima de Moçambique.

As informações contidas neste âmbito, apesar de bastante sintéticas são, no entanto, de utilidade para o conhecimento da Geografia Física de Moçambique.

BRITO, Raquel Soeiro de. *Ilha de Moçambique*. s.ed., s.d.

Ao longo de 20 páginas, o geógrafa Raquel Soeiro de Brito leva-nos numa interessante viagem à Ilha de Moçambique.

A autora, além da localização e duma apresentação breve dos principais aspectos físicos da ilha, narra um pouco da história e importância estratégica daquela foi que a primeira capital da colónia de Moçambique e a sua mais antiga cidade (estatuto conferido em 17/Set./1818).

Seguidamente faz uma análise da sua população e principais actividades económicas, que são bastante diversificadas e por vezes difíceis de definir. A autora coloca ainda a hipótese de a construção da ponte, que ligou a ilha ao continente, ter contribuído para a diminuição de algumas das suas actividades económicas, transferindo-se algumas destas para o continente. Esta hipótese da autora foi confirmada pelo correr do tempo.

Este pequeno trabalho é acompanhado por alguns mapas e fotografias que ainda mais o enriquecem.

BRITO, Raquel Soeiro de; DIAS, Jorge e outros. *Moçambique*. Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, 1964.

Esta obra é a compilação, em volume, de diversas aulas dadas ao Curso de Extensão Universitária do ano lectivo de 1964-1965 no Instituto de Ciências Sociais e Política Ultramarina.

O volume contém 19 temas, cabendo um a cada autor. Os assuntos abordados são dos mais diversos, iniciando-se com «Aspectos Geográficos de Moçambique» da geógrafa Raquel Soeiro de Brito, e terminando com a «Ocupação missionária de Moçambique».

Os conteúdos reflectem claramente o objectivo político do curso a que se destinavam, muito particularmente os de ordem social e económica. Mas não é nosso objectivo, neste momento, criticar a obra sobre este ponto de vista; ela é produto dum determinado período histórico e como tal deve ser entendida.

Nos aspectos que mais nos tocam como geógrafo, o primeiro tema é apresentado com o rigor que caracteriza a autora que conseguiu dar uma ideia bastante clara da Geografia Física de Moçambique. Há, contudo, um certo desequilíbrio entre esta e a parte dedicada à Geografia Humana que apenas se refere aos aspectos da ocupação humana e sob um ponto de vista histórico. Os temas seguintes cobrem um pouco esta lacuna mas não completamente.

Dos 19 temas que formam esta obra, permito-me destacar, além do já acima referido, os de Vasco Fortuna que analisa as estruturas económicas de Moçambique, de Narana Coissoró sobre o regime de terras e de Jorge Dias sobre as estruturas sócio-económicas.

CABRAL, Augusto. *Raças, usos e costumes dos indígenas do distrito de Inhambane*. Lourenço Marques, Imprensa Nacional, 1919.

O autor, durante alguns anos dirigente do então distrito de Inhambane, aborda alguns aspectos da vida dos camponeses: a origem étnica e os usos e costumes são analisados numa perspectiva eurocêntrica e em defesa dos valores coloniais.

No trabalho são descritas algumas das práticas agrícolas; mas a própria descrição se apresenta com um marcado cunho colonial, o que não deve surpreender se atendermos à época, início do séc. XX, e à posição do próprio autor.

É interessante a forma como é analisado o impacto dessas práticas agrícolas sobre o meio ambiente, problemática que ainda hoje, noutra dimensão, se mantém.

CARVALHO, Mário de. *A agricultura tradicional de Moçambique*. Lourenço Marques, Missão de Inquérito Agrícola de Moçambique, 1969.

Não sendo o trabalho de um geógrafo, esta obra do agrónomo Mário de Carvalho afigura-se-me de extraordinária importância para o conhecimento e entendimento da Geografia Agrária de Moçambique, e um dos mais completos estudos geográfico-agrícolas feitos para o país.

Segundo o autor, a agricultura tradicional compreende diferentes modalidades de exploração da terra entre as populações autóctones ditas menos evoluídas, e sob a influência quase exclusiva dos factores do meio natural. Duma maneira geral, refere o autor, o camponês moçambicano pratica ainda uma agricultura tradicional para a produção alimentar. Algumas técnicas novas foram impostas nas culturas do algodão e do milho, mas a produção continua a ser essencialmente dos produtos alimentares necessários para o grupo familiar e, secundariamente, alimentos para o mercado.

Neste estudo é colocada uma hipótese de base: a repartição geográfica da agricultura tradicional está em relação muito estreita com a variação das condições do meio físico; o autor demonstra este facto ao trabalhar sobre um mapa da vegetação natural onde situou, topograficamente, as unidades primárias das culturas dominantes. A correlação observada entre as duas repartições permitiu estabelecer os níveis de variação significativa das áreas correspondentes. Os resultados mostraram uma ligação importante entre a vegetação natural e a repartição das culturas, e entre estas e o clima. A relação com os tipos de solos é menos evidente.

A partir dos dados do meio ambiente e da agricultura, Mário de Carvalho determinou, para o país, quatro zonas *geo-agrícolas*, e depois de considerar a repartição das culturas e do clima, delimitou as *grandes regiões agrícolas*, que define como um espaço geográfico bastante extenso onde predomina, de forma absoluta, uma cultura ou um conjunto de culturas. Estes sistemas de produção, nas palavras do autor, baseiam-se na experiência prática do camponês que integra no seu trabalho quotidiano os dados do meio natural.

O valor deste trabalho está bem evidente no facto de ainda hoje ser uma obra de consulta obrigatória para toda e qualquer acção ou projecto de desenvolvimento agrário em Moçambique. Os projectos de desenvolvimento agrário em execução ou em elaboração apoiam-se, todos

eles, naquilo que até agora continua a ser considerado o estudo mais cuidado da agricultura tradicional em Moçambique levado a efeito pelo nome muito conhecido de Mário de Carvalho.

COELHO, Celeste Alves. «Elementos estatísticos: Moçambique». *Finisterra*, 8 (15), Lisboa, 1973, pp. 145-161.

Durante vários anos docente do Departamento de Geografia da Universidade de Lourenço Marques, Celeste Coelho, infelizmente, publicou muito pouco sobre a Geografia de Moçambique. O único trabalho publicado por nós conhecido é este que apresenta de forma clara e detalhada dados demográficos e económicos de Moçambique acompanhados duma análise sumária.

O artigo caracteriza a população moçambicana e descreve a sua distribuição geográfica e crescimento no decénio 60-70, enfatizando o aumento populacional observado na cidade de Lourenço Marques.

Ao abordar a agricultura, faz a distinção entre a tradicional e a empresarial em termos de área, número de agricultores, produtos e objectivos. Esta distinção, por muito geral, não reflecte a estrutura agrária moçambicana naquele período.

Não estando claramente expresso, o artigo faz ressaltar o débil peso da indústria na economia do país.

FERNANDES, António Maria. *Geografia Humana de Moçambique* (esboço). Lourenço Marques, Centro de Investigação de Moçambique, 1975.

Este trabalho é uma tentativa, não conseguida, de divulgação da Geografia Humana de Moçambique. O autor, que teve o cuidado de destacar tratar-se de um esboço, revela falta de preparação adequada para escrever algo sobre Geografia. Este é mais um exemplo de que há muitas pessoas que pensam que para escrever sobre Geografia basta ter conhecimento, ainda que parcial, da realidade de um determinado território.

O trabalho de Fernandes talvez possa ser classificado como um razoável artigo de informação turística. No entanto, não deixa de ter alguma informação com interesse sobre a população do país.

Deve notar-se que, apesar da falta de bibliografia neste domínio, o trabalho nunca foi muito conhecido, e nunca foi utilizado no ensino.

FREITAS, António Joaquim de. *A geologia e o desenvolvimento económico e social de Moçambique*, s. ed., 1959.

É um estudo económico e técnico sobre a geologia e o desenvolvimento dos recursos minerais.

O autor faz uma análise das potencialidades geológicas do país, não apenas dum ponto de vista económico-geológico, mas também social, e as perspectivas de desenvolvimento que se apresentam.

Trabalho de grande actualidade para diversos estudos geológicos que estão a ser executados.

GUERREIRO, M. Gomes. *A floresta africana e os factores bióticos: primeiras observações de um ensaio em Moçambique*. Luanda, Instituto de Investigação Científica de Angola, 1966.

Nesta obra, o autor estuda a exploração agro-florestal no continente com base em observações levadas a cabo em Moçambique. Sublinha, neste domínio, a estreita ligação existente entre os meios tropical e mediterrânico que, para Gomes Guerreiro, são os dois pólos ecológicos onde se situa a exploração do solo e da cobertura vegetal dos «territórios portugueses».

MARTINHO, Jacinto Pereira. *Aspectos do problema pecuário de Moçambique*. Lourenço Marques, Junta de Comércio Externo da Província de Moçambique, 1956.

Neste trabalho, o autor começa por situar a pecuária nas necessidades de desenvolvimento da agricultura de Moçambique, dentro da perspectiva da política económica vigente na altura.

Antes de entrar no tema de especialidade o autor faz uma breve descrição da situação geográfica, da orografia, da hidrografia, da geologia e do clima do território com o objectivo de situar a pecuária perante as condições do meio físico.

Seguidamente entra no estudo específico analisando as características da criação de algumas espécies animais e o seu papel na satisfação das necessidades da população.

Termina com a análise dos factores que dificultam a produção, entre os quais cita a mosca tsé-tsé, a escassez de água e as queimadas, finalizando com algumas propostas de medidas que estima serem as mais

adequadas para, tendo em conta a política vigente, um melhor desenvolvimento da produção animal em Moçambique.

MENDES, Maria Clara. *Maputo antes da Independência. Geografia de uma cidade colonial*. Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1979.

Esta obra de Clara Mendes é, sem dúvida, a mais completa e profunda até agora realizada sobre a problemática urbana de Moçambique e, em particular, da sua capital.

A autora trabalhou durante alguns anos como docente de Geografia Humana no Departamento de Geografia da Universidade de Lourenço Marques tendo, nessa altura, desenvolvido estudos, com fins lectivos, sobre Geografia Urbana. É neste contexto que se inserem os inquéritos que levou a efeito com os seus estudantes nas cidades de Lourenço Marques e Beira, assim como o artigo que publicou sobre Geografia Urbana do Reino da Swazilândia.

«Maputo antes da independência», revela o profundo conhecimento da autora sobre a problemática económico-social das cidades moçambicanas durante o período colonial, mas também das transformações operadas após a independência nacional, facto que pode ser constatado no capítulo oitavo. A oportunidade que a autora teve de visitar Maputo após 1975 fez enriquecer muito o seu trabalho, com muita informação e reflexões sobre os novos rumos duma cidade onde as barreiras raciais e sociais estavam a ser demolidas, mas onde se começavam a notar os primeiros sinais dos graves problemas futuros.

Clara Mendes consegue aplicar, com muito rigor, técnicas de análise mais aprofundada para alguns problemas urbanos, o que pela primeira vez se faz em relação a Moçambique. Com isto ela atinge um dos objectivos do estudo: «... ensinar métodos de descrição e interpretação da paisagem (...), procurando que o conjunto expressasse a organização interna da cidade e o papel por ela desempenhado à escala regional, nacional e internacional».

A evolução histórica da cidade desde a fundação do presídio de Lourenço Marques em 1781; o enquadramento de Lourenço Marques no contexto urbano africano; a oposição entre o «cimento» e o «caniço»; a análise das estruturas funcionais, que constitui a parte central do trabalho; o papel do porto e caminho de ferro no desenvolvimento da cidade; a análise da estrutura demográfica da população urbana e dos

movimentos intra-urbanos, são temas abordados com minúcia e rigor pela autora que documenta o seu trabalho com grande número de dados estatísticos, mapas, plantas e gráficos, que ajudam a um melhor entendimento dos assuntos tratados.

Esta obra da geógrafa Clara Mendes não só continua válida e actual, como tem servido de base indispensável para todos os projectos de planeamento urbano que se têm desenvolvido, e para trabalhos de licenciatura de estudantes que escolhem temas de Geografia Urbana.

MOREIRA LOPES, Maria Eugénia. «As modificações do clima de Lourenço Marques à Namaacha». *Finisterra*, IX (18), Lisboa, 1974, pp. 212-244.

A geógrafa Maria Eugénia Moreira Lopes trabalhou durante vários anos no Departamento de Geografia da Universidade de Lourenço Marques, tendo sido uma das suas fundadoras. Esta sua estadia em Moçambique permitiu-lhe dedicar-se a diversos estudos de Geografia Física, publicando alguns artigos sobre as investigações feitas.

Esta é uma das suas primeiras publicações sobre a Geografia de Moçambique, onde analisa e explica as variações climáticas que surgem entre Lourenço Marques e a Namaacha, vila fronteiriça com a Swazilândia e África do Sul, apesar de apenas separadas por um minuto de latitude e trinta e cinco minutos de longitude (75 km por estrada).

Segundo a autora, as variações climáticas observadas devem-se à posição em altitude dos dois centros; um no litoral (Lourenço Marques), a uma altitude que varia entre os 0-50 m, e outro sobre um planalto com altitudes que oscilam entre os 520 e 550 m. A posição associa-se a exposição às influências marítimas e continentais.

Ao longo do artigo são analisadas as modificações observadas nos elementos do clima, as quais são apoiadas por abundante informação estatística e gráfica, o que muito enriquece o trabalho.

A autora termina por questionar a classificação climática para esta faixa entre Lourenço Marques e a Namaacha, sobre o paralelo 26 S, concluindo que não se encontra «nem em condições de clima tropical típico, nem de clima temperado típico, mas sim na zona de transição entre estes climas, posicionalmente dita de subtropical».

MOREIRA LOPES, Maria Eugénia. *Inhassoro e Bartolomeu Dias: as actividades da população e a organização do espaço*. Lourenço Marques, Instituto de Investigação Científica de Moçambique, 1975.

Sendo a Geografia Física a área de interesse de Maria Eugénia, este estudo sobre o espaço regional de Inhassoro e Bartolomeu Dias é revelador da versatilidade desta geógrafa de quem tive o privilégio de ser discípulo.

Este estudo teve, na sua fase de campo, a participação directa dos estudantes de Geografia de quem a autora era professora, e que tiveram a oportunidade de aprender muito sobre metodologias de trabalho de campo e recolha estatística.

A autora analisa as diferentes formas de ocupação e organização do espaço em Inhassoro e Bartolomeu Dias em função de três tipos de actividade: a pesca, a agricultura tradicional e o turismo.

Ao analisar as actividades económicas, preocupa-se em esclarecer qual a população envolvida, assim como as técnicas utilizadas, e o destino do produto dessa actividade.

Conclui que a região estudada vive essencialmente da pesca e do turismo, pois a agricultura, ocupando a maior parte da população, é a actividade menos rentável devido a diversos factores, «entre os quais se destacam a secura do clima, a natureza arenosa do solo e a falta de utilização de técnicas de regadio e de fertilização». Pena é que não tenha analisado esta actividade em termos de potencialidades da região. Mas, mesmo para as duas principais actividades económicas, segundo a autora, a região não tira o proveito que poderia, pois as capacidades existentes não são devidamente aproveitadas.

MOREIRA LOPES, Maria Eugénia. «Nota sobre o ecossistema do mangal no sul de Moçambique», *Garcia de Orta*, sér. geogr., 4 (1-2), Lisboa, 1977, pp. 29-44.

Publicado depois do período que considerei nesta comunicação, não seria justo não o incluir, não só pelo valor que apresenta para o conhecimento geográfico de Moçambique, mas também porque ele é resultado da investigação que a autora realizou antes de 1975 como docente da então Universidade de Lourenço Marques, hoje Eduardo Mondlane.

É bem conhecida a importância económica do ecossistema do mangal para Moçambique. Daí a necessidade do seu conhecimento o mais completo possível. É nesta perspectiva que este artigo mantém a sua actualidade e fornece pistas para novas pesquisas.

Depois de abordar as condições em que se desenvolve este ecossistema «(conjugação de certos factores morfoclimáticos e edáficos da faixa intertidal)», a autora conclui que «é a morfologia da faixa sujeita à oscilação das marés que determina o aparecimento do mangal». Nestas condições, considera, no Sul de Moçambique, dois tipos de mangal: o estuarino e o marinho. Para caracterizar cada um destes tipos levou a efeito estudos de campo nos mangais do estuário da baía de Maputo, do Saco da ilha da Inhaca e do Noroeste da mesma ilha.

MOREIRA LOPES, Maria Eugénia. *A bacia do rio Umbelúzi (Moçambique). Estudo geomorfológico*. Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1979.

Esta obra constitui a tese de doutoramento da autora e constitui a continuidade dos diversos estudos que levou a cabo durante a sua permanência na Universidade de Lourenço Marques.

Apesar da tese ter sido defendida em 1979, e por isso fora do período que inicialmente defini, não seria justo não o incluir pois, conforme a própria autora refere, este estudo «foi começado em 1973, em Moçambique...».

O estudo organiza-se em cinco capítulos onde são analisados, de forma rigorosa e clara, os diversos aspectos da bacia do rio Umbelúzi. Além disso, juntam-se diversos anexos que em muito valorizam esta obra.

O primeiro capítulo apresenta o quadro geomorfológico, com as principais formas de relevo e as características da rede hidrográfica. No capítulo II são estudadas as formações superficiais e o seu modelado, destacando-se os terraços aluviais. Seguem-se as características bioclimáticas, para no capítulo IV ser tratado o problema do escoamento, tipos e regimes, escoamento superficial e a carga sólida. Termina com a evolução dinâmica da bacia, onde são apresentadas hipóteses sobre a evolução do relevo regional, abrindo pistas para estudos posteriores que, infelizmente, ainda não se concretizaram.

NARANA, Coissoró. *O regime das terras em Moçambique*. Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, s/d.

Este trabalho apresenta a evolução do sistema fundiário em Moçambique desde a colonização até aos nossos dias. Este é marcado, segundo o autor, por três períodos:

O primeiro período diz respeito ao estabelecimento das «feitorias» no litoral e à aquisição das terras pertencentes aos indígenas, para chegar ao regime de propriedade privada.

O segundo período é caracterizado pela intervenção do Estado contra a expansão da propriedade privada (abolição dos prazos) tentando subordiná-la aos interesses da coroa portuguesa.

No terceiro período assiste-se ao controle definitivo do Estado sobre as terras.

O autor ainda dedica um capítulo ao direito dos naturais à terra e o conflito entre o direito comum e o direito costumeiro, mas não aborda o problema social criado pela alienação da terra aos camponeses que desde há anos a cultivavam.

PEDRO, Egberto R. *Aspecto geral do problema florestal em Moçambique*. Lisboa, Junta de Investigações Coloniais, 1949.

Depois das considerações gerais sobre o problema florestal em Moçambique, o estudo aborda a situação do distrito da Beira em particular. Toma em conta as influências do meio sobre as condições da repartição das florestas, assim como as principais causas da destruição da floresta na região.

REAL, Fernando. *Geologia da bacia do rio Zambeze; características geológicas mineiras da bacia do Zambeze em território moçambicano*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1966.

Estudo da morfologia, das grandes unidades geológicas e dos principais minerais da bacia do Zambeze, com o objectivo de determinar a potencialidade económico-mineira da região. O autor apresenta, neste trabalho, uma síntese dos conhecimentos geológicos e das conclusões das pesquisas e actividades da Missão de Fomento e Povoamento do Zambeze.

RITA-FERREIRA, António. «Estrutura da População activa em Moçambique». *Ultramar*, 5 (16), Lisboa, 1964, pp. 43-74.

RITA-FERREIRA, António. «A oscilação do trabalhador africano entre o meio rural e o meio urbano». *Indústria de Moçambique*, 2 (3), Lourenço Marques, 1969, pp. 96-99.

RITA-FERREIRA, António. «O êxodo rural e a industrialização». *Indústria de Moçambique*, 2 (1), Lourenço Marques, 1969, pp. 34-36.

RITA-FERREIRA, António. «A demografia da população africana de Lourenço Marques». *Indústria de Moçambique*, 2 (5), Lourenço Marques, 1969, pp. 164-170.

Nestes quatro trabalhos, Rita-Ferreira procura analisar alguns aspectos da força de trabalho em Moçambique nos anos 60. Tendo sido publicados separadamente, eles constituem nitidamente uma linha de pesquisa iniciada pelo autor no início da década de 60.

Dos quatro títulos, destaco «A oscilação do trabalhador africano entre o meio rural e o meio urbano» e «A demografia da população africana de Lourenço Marques», que abordam temas ainda agora actuais.

No entanto o autor peca por não dominar com segurança a metodologia necessária a estudos demográficos, ficando-se muito por uma descrição mais antropológica de cunho nitidamente etnocentrista.

RODRIGUES JÚNIOR. *Moçambique terra de Portugal*. Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1965.

É um trabalho de nítida propaganda do regime colonial, como o próprio título indica.

Aproveitando o facto de ter acompanhado o, na altura, Chefe do Estado Português, Américo Tomás, numa viagem por Moçambique, o jornalista Rodrigues Júnior procura enaltecer o «portuguesismo» das gentes moçambicanas.

O livro, escrito em forma de diário, descreve diversos aspectos geográficos, históricos, culturais e económicos das regiões por onde passou a comitiva. Começa por abordar o aproveitamento e ocupação da terra no colonato do Limpopo, o desenvolvimento da cidade, porto e caminho de ferro da Beira, as potencialidades económicas de Manica

e Sofala; faz uma abordagem da Zambézia e da introdução da produção de chá em Moçambique, e vem terminar com uma descrição do porto de Nacala, depois de passar por outras regiões.

Obra ao bom estilo de relatos de viagens, apesar do seu carácter de propaganda política, possui muita informação para conhecimento de Moçambique na época, mas sem conseguir esconder que é apenas a informação duma face da moeda.

SANTOS, Nuno Beja Valdez dos. *O desconhecido Niassa*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1964.

Valdez dos Santos escreveu o que até hoje talvez continue a ser a mais completa descrição geográfica da província moçambicana do Niassa (na altura distrito). De carácter exclusivamente descritivo, revela o profundo conhecimento que o autor possuía de todo o território, que adquiriu em constantes viagens que o levaram a todos os recantos do «desconhecido Niassa», mostrando-lhe paisagens maravilhosas que o autor consegue transmitir ao leitor através duma escrita fácil e atraente.

É nítida a intenção de chamar a atenção das autoridades coloniais para a riqueza daquele território, mas o seu objectivo não foi alcançado, pois continuou a ser «o desconhecido Niassa».

SOUSA, Esteves. *Considerações acerca do equilíbrio entre as comunidades florestais e o ambiente em Moçambique*. Lisboa, Ministério das Colónias, Junta de Investigações Coloniais, 1950.

A obra põe em evidência os factores que contribuem para a repartição geográfica das comunidades vegetais em Moçambique e analisa a influência recíproca entre os factores climáticos e as florestas.

4. Títulos não comentados

Apresento, em seguida, diversos títulos sem os comentar. Isto não significa que os considere de menor importância para o desenvolvimento da Ciência e para o conhecimento de Moçambique. Os motivos que me levaram a assim proceder foram diversos, entre os quais destaco: não seria justo deixar de citar o maior número de títulos possível, mas não se torna viável tecer comentários para todos eles, o que implicaria um

volume considerável de páginas; comentar os títulos significa uma leitura cuidada, o que não sucedeu para os que a seguir se apresentam, mas apenas para aqueles que foram apresentados no ponto anterior; a selecção entre os trabalhos comentados e não comentados é puramente pessoal e resultante do meu próprio interesse e escolha de leituras feitas.

Devo chamar a atenção para a grande quantidade de trabalhos na área da geologia e afins e de climatologia, o que revela o muito interesse que havia por estes dois campos científicos.

ASSUNÇÃO, C. F. Torre de e outros. *Petrografia das lavas dos Libombos*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1962.

AZEVEDO, Ario Lobo. *O clima de Moçambique e a agricultura*. Lisboa, Papelaria Fernandes, 1947.

BARBOSA, Gradvaux. «A vegetação em Moçambique e a sua repartição segundo as regiões do país». In: *Esboço do reconhecimento ecológico-agrícola de Moçambique*. Lourenço Marques, Centro de Investigação Científica Algodoeira, 1955. (Memórias e Trabalhos n.º 23).

BARBOSA, Gradvaux. «Conservação da vegetação na África ao Sul do Sahara - Moçambique». *Boletim do Instituto de Investigação Científica*, 8 (2), Luanda, 1971, pp. 85-103.

BARROS, L. Aires. «Novos elementos sobre a petrografia de região de Cabora Bassa». *Garcia da Orta*, série de Geologia, 1 (1), Lisboa, 1973, pp. 1-8.

BOLEO, Oliveira. «Vicissitudes históricas da política de exploração mineira no império de Monomotapa». *Studia* (32), Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1971, pp. 167-209.

BORREGA, M. Bento. «O desenvolvimento da indústria em Moçambique e o estudo de novos mercados». *Boletim do Banco Nacional Ultramarino*, (94), Lisboa, 1973, pp. 8-33.

BRAVO, Nelson Saraiva. *A cultura algodoeira na economia do norte de Moçambique*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, Centro de Estudos Políticos e Sociais, 1963.

- CABRAL, A. C. P. *Dicionário de nomes geográficos de Moçambique: sua origem*. Lourenço Marques, Empresa Moderna, 1975.
- CASIMIRO, José de Figueiredo. *Características da floresta aberta de Murrupula*. Lourenço Marques, Instituto de Investigação Científica de Moçambique, 1962.
- CASIMIRO, José de Figueiredo. *Os solos das baixas do Inhassune*. Lourenço Marques, Instituto de Investigação Agronómica de Moçambique, 1971.
- COELHO, A. Vasconcelos Pinto. «Aspectos da petrografia e da geomorfologia de Moçambique». *Garcia da Orta*, 2 (3), Lisboa, 1954, pp. 329-336.
- COELHO, A. Vasconcelos Pinto. *Primeiro reconhecimento petrográfico da circunscrição do Bárué*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1956.
- COELHO, A. Vasconcelos Pinto. «Primeiro reconhecimento petrográfico da serra da Gorongosa». *Estudos, Ensaios e Documentos*, (42), Lisboa, 1958.
- COELHO, A. Vasconcelos Pinto. «Reconhecimentos petrográficos sumários dos maciços da Lupata, Murrumbala, Chiperone, Derre e Milange». *Boletim do Serviço Industrial e Geológico*, (26), Lourenço Marques, 1959, pp. 1-47.
- COSTA, J. Botelho da. *Aspectos do problema da erosão do solo em África*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, s/d. (Coleção Estudos, Ensaios e Documentos n.º 2).
- COUTINHO, João de Azevedo. *Do Nyassa a Pemba. Os territórios da Companhia do Nyassa*. Lisboa, Companhia Nacional Editora, 1893.
- CUNHA, F. Reis. *Condições ecológicas do distrito de Inhambane em relação à cultura do coqueiro*. Lourenço Marques, Instituto de Investigação Agronómica de Moçambique, 1968.
- DIAS, J. A. Travassos. *Abecedário dos mamíferos selvagens de Moçambique*. Lourenço Marques, SARL, 1975.

- FERNANDEZ, A. *Flora de Moçambique*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, Centro de Botânica, 1969.
- FIGUEIREDO, José de Casimiro. *Climatologia do distrito de Moçambique*. Lourenço Marques, Instituto de Investigação Científica de Moçambique, 1962.
- FIGUEIREDO, José de Casimiro. *Land classification in Murrupula*. Lourenço Marques, Instituto de Investigação Científica de Moçambique, 1961.
- FONTES, F. de Castro. «O plano de desenvolvimento do vale do Zambeze e o aproveitamento de Cabora Bassa». *Boletim da Sociedade de Estudos de Moçambique*, 39 (164/5), Lourenço Marques, 1970, pp. 1-12.
- FRADE, F.; PINTO, A. Reis. *Avifaunal distribution throughout Mozambique*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, Missão Zoológica de Moçambique e do Centro de Zoologia, 1954.
- FREITAS, António Joaquim de. «Notícia explicativa do esboço geológico de Moçambique». *Boletim do Serviço Industrial e Geológico*, (23), Lourenço Marques, 1975.
- GARCIA, J. G. *Contribuições para o conhecimento da flora de Moçambique*. Lisboa, Memórias da Junta de Investigações do Ultramar (série Botânica, vol. IV), s/d.
- LACERDA, M. Gavicho de. *Figuras e episódios da Zambézia*. Lisboa, Sociedade Nacional de Tipografia, 1929.
- LACERDA, M. Gavicho de. *Cartas da Zambézia*. Lisboa, Livraria Rodriguez, 1939.
- LEITÃO, A. E. S. «Oceanografia em Moçambique». *Geográfica*, 2 (7), Lisboa, 1966, pp. 64-82.
- LOBATO, Alexandre. *Colonização senhorial da Zambézia*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1962.
- MAIA, Carlos Machado de Faria e. *Les possibilités de la colonisation par la race blanche dans la zone tropicale*. Amesterdão. Congresso Internacional de Geografia, 2 (4), 1938, pp. 223-233.

- MATOS, Maria Leonor Correia de. «Notas sobre o direito de propriedade da terra dos povos Angoni, Acheua e Ajaua da província de Moçambique». *Memórias do Instituto de Investigação Científica de Moçambique*, série C (7), Lourenço Marques, 1965, pp. 1-127.
- MONTEIRO, Rui. «Moçambique». *Estudos de hidrologia no ultramar português*. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1959.
- MOTA, T. P. «Produção, comercialização e industrialização do arroz em Moçambique». *Agronomia Moçambicana*, (4), Lourenço Marques, s/d, pp. 221-230.
- MOURA, A. «Pesquisas petrolíferas em Moçambique». *Geográfica*, VI (23), Lisboa, 1970, pp. 43-68.
- OLIVEIRA, Octávio Rosa de. «A fundição de ferro nativo na África Austral; algumas jazidas em Manica e Sofala». *Boletim da Sociedade de Estudos de Moçambique*, 33 (138), Lourenço Marques, 1964, pp. 173-192.
- REIS, Jorge Henrique Dias dos. *Nampula: missão de fotogrametria aérea de Moçambique*. Relatório da missão. Nampula, 1961.
- RITA-FERREIRA, António. *Pequena história de Moçambique pré-colonial*. Maputo, Fundo de Turismo, 1975.
- RODRIGUES, Rui da Costa. *As tendências assimétricas do desenvolvimento económico moçambicano no período 1965/1971 e as suas projecções até 1975*. Maputo, Faculdade de Economia, UEM, 1976.
- RODRIGUEZ, José Filipe Barros. *Geografia militar de Moçambique*. Lisboa, Escola Militar, s/d.
- SANTOS, A. Ciríaco dos. *África hostil: episódios e costumes de África*. Lisboa, Imprensa Beleza, s/d.
- SANTOS, Rui Martins dos. *Uma contribuição para a análise da economia de Moçambique*. Lisboa, Companhia de Cimentos de Moçambique, 1959.

- TORRES, J. R. Ribeiro. «Rural development schemes in southern Moçambique». *South African Journal of Affairs*, 3 (2), Pretória, 1973, pp. 60-69.
- VASCONCELOS, António. *Breves notas petrológicas referentes à região de Angónia*. Lisboa, Casa Portuguesa, s/d. (Separata do n.º 13 do Boletim do Museu de Mineralogia e Geologia da Universidade de Lisboa, XVIII).
- VELOSO, Agostinho. «O milagre do Limpopo». *Brotéria*, 78 (5), Lisboa, 1964, pp. 529-542.

5. Em forma de conclusão

Após a apresentação destes oitenta títulos de autores portugueses sobre Moçambique, não podemos deixar de repetir que, mesmo para o período aqui considerado (1900-1975), muito mais haveria para referir. Daí a necessidade dum pesquisa mais aturada que leve à inventariação de tudo o que foi escrito, e por vezes não publicado.

Também não posso deixar de destacar que após 1975 investigadores portugueses continuaram e continuam a escrever sobre Moçambique, mesmo considerando apenas a Ciência Geográfica e afins. Posso citar, apenas como exemplo, os trabalhos que a geógrafa Maria Eugénia Moreira Lopes tem publicado, dando continuidade aos seus estudos aqui citados; Carlos da Costa Carvalho que, na Revista do Centro de Estudos Demográficos do Instituto Nacional de Estatística, publicou dois interessantes artigos sobre aspectos demográficos de Moçambique; Eduardo Medeiros, com a publicação de trabalhos sobre as instituições sócio-familiares moçambicanas.

Retomo o que referi no início: a Geografia em Moçambique está a dar apenas os seus primeiros passos; por isso toda a investigação geográfica encontra campo ainda por explorar. Os geógrafos moçambicanos, em número insignificante, a começarem a sua carreira e assoberbados por mil tarefas urgentes, não conseguem, sozinhos, avançar muito. Torna-se, por isso, indispensável a colaboração de geógrafos doutros países. E aqui os portugueses têm uma posição privilegiada pelo conhe-

cimento e sensibilidade que têm de Moçambique e pelo uso da mesma língua.

Infelizmente, até agora, e apesar da vontade dos geógrafos dos dois países, não se tem conseguido ultrapassar certas barreiras administrativo-burocráticas. Mas é indispensável que se encontrem as formas que permitam que os colegas portugueses participem, com os geógrafos moçambicanos, no fazer da Geografia de Moçambique.

Não posso deixar passar esta oportunidade para agradecer à Academia das Ciências de Lisboa a rara oportunidade que me deu para, mais uma vez, contactar colegas portugueses e com eles trocar ideias e aprender.

LEITE DE VASCONCELLOS (1858-1941) E A CIÊNCIA ETNOGRÁFICA EM PORTUGAL

MANUEL VIEGAS GUERREIRO *

Summary

First known descriptions about habits: Greece and Rome.

The Portuguese Middle Ages: notary documents, religious literature, poetry and narrative fiction.

The Portuguese 16th century: Overseas chorography and historiography.

Ethnology as a Science: Teófilo Braga, Adolfo Coelho and Leite de Vasconcellos.

Leite de Vasconcellos, the great authority on Portuguese Ethnography: exemplary definition, field-work methodology and ethnographical — research sources. Prodigious literary-scientific production.

A Grande Etnografia Portuguesa (The Great Portuguese Ethnography): composed of 3 large volumes and 7 posthumous volumes.

Vasconcellos' continuators: Jorge Dias and his team.

Se Etnografia significa descrição de um povo ou povos, como quem diz de seus costumes; em sentido amplo: vida material e espiritual, então ela se terá iniciado com os primeiros relatos de costumes de povos que, por alheios e distantes, exóticos, cativaram a atenção de quem os observava. E ora a novidade se impunha apenas por curiosa ora era objecto de menosprezo etnocêntrico.

E, como em geral acontece, é da Grécia antiga e de Roma que nos vêm as primeiras descrições etnográficas: de Herodoto, que se tem como

* Faculdade de Letras de Lisboa.